

Índice

Como nasceu esta obra.....	9
----------------------------	---

PARTE I

A DOENÇA E A EXONERAÇÃO

1. Um Verão violento.....	15
A cadeira «assassina».....	15
A queda inexistente.....	18
A data incerta.....	24
A hora fatal.....	26
Os dias seguintes.....	27
A remodelação polémica.....	28
Uma visita esperada.....	33
O Conselho de Ministros do fim.....	36
Momentos de angústia.....	38
A caminho da Cruz Vermelha.....	44
2. Entre a vida e a morte.....	46
O internamento.....	46
Choque entre os médicos.....	49
3. A grande festa.....	53
O <i>jet set</i> mundial em Alcoitão.....	54
4. Duas horas dramáticas.....	60
Na mesa de operações.....	60

5. A verdadeira história	67
O anúncio ao país.....	67
A invenção da cadeira.....	68
Reconstituição do acidente.....	77
As dúvidas de Thomaz.....	80
6. A ilusória convalescença	83
O pós-operatório.....	83
O ambiente na clínica	85
A surpreendente recuperação.....	91
O AVC fatal: «Ai, meu Jesus!»	93

PARTE II

O PORTUGAL DE SALAZAR

1. A arrumação da casa	99
O equilíbrio financeiro	102
Salazar e os militares.....	104
Salazar e os monárquicos.....	109
Salazar e os católicos	113
Salazar e os fascistas	116
2. O «Salazarismo»	126
Um poder pessoal.....	126
As influências	128
O Estado Novo e o progresso.....	130
Um regime rural.....	131
A palavra-chave: Ordem.....	133
O sistema «perfeito»	136
«Pátria, autoridade, família, trabalho»	139

PARTE III

A ESCOLHA DO SUCESSOR

1. O poder nas mãos de Thomaz.....	143
O primeiro Conselho de Estado sem Salazar	147
O médico vindo da América	151

As dúvidas do Presidente.....	153
Porquê Marcello Caetano?	157

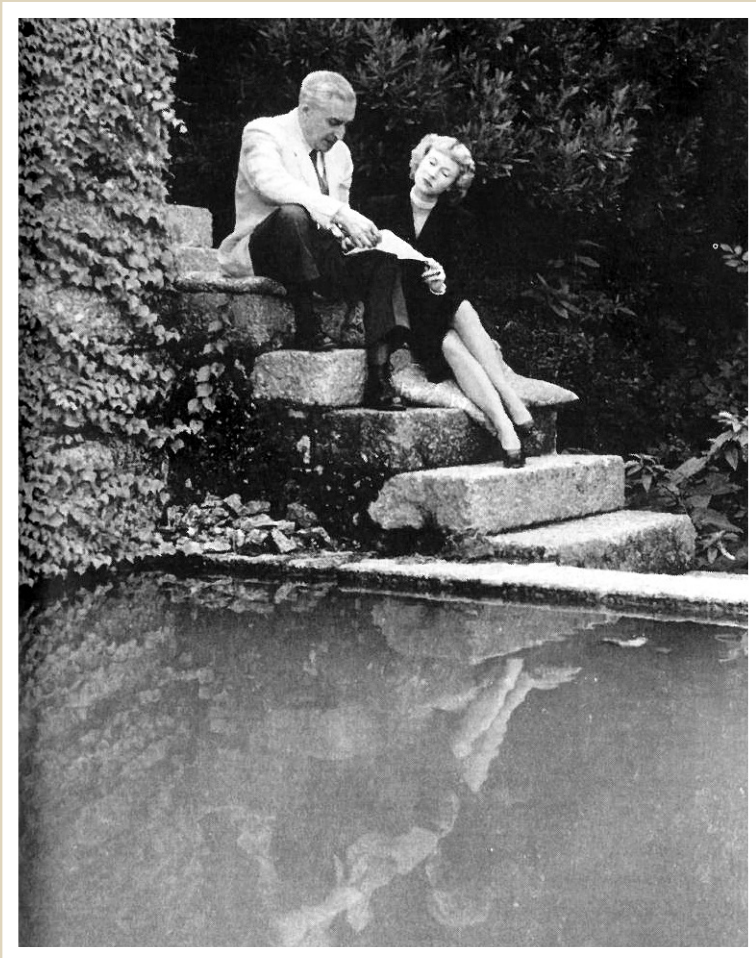
PARTE IV

20 ANOS DE DESENCONTROS

1. Dois homens, um país: 1928-36	163
O primeiro encontro	167
A redacção da nova Constituição.....	170
A primeira desfeita de Caetano.....	175
Theotonio, Caetano e a <i>Carta del Lavoro</i>	177
O «interesse nacional» acima de tudo.....	178
A segunda desfeita de Caetano.....	181
A retaliação de Salazar.....	182
2. Tempos de guerra: 1936-45	185
A guerra de Espanha.....	185
A Segunda Guerra Mundial.....	192
Uma hábil política de ziguezagues.....	195
Ordem para invadir os Açores	210
O gato e o rato.....	213
3. Pós-guerra — a explosão democrática: 1945.....	224
O «grande erro» do Ocidente	224
Um partido clandestino	228
O Tarrafal da «morte lenta»	229
A refundação do PCP.....	232
A euforia da liberdade	238
A depressão de Salazar.....	242
O contra-ataque	243
A criação do MUD.....	244
A depressão, parte dois	247
Hora de eleições.....	249
4. Espaço para o amor: 1946-51	253
Carolina Asseca — <i>flirt</i> e ruptura	253
Salazar e as mulheres	257

Um ambiente turvo	260
A depressão, parte três	261
Num casarão decrépito.....	263
Caetano provoca novo escândalo	275
O Ocidente «rendido»	288
O espectro da monarquia.....	290
O <i>coup de foudre</i> por Garnier.....	296
Francesa condecorada às escondidas	310
Um amor para a eternidade	314
Epílogo provisório.....	319
Notas	321
Fontes	335

22.



22. Salazar com Christine Garnier
no Vimieiro, em 1951

porque em casa não tenho ninguém competente e a pessoa de fora não posso aqui dirigir-me, pois o caso levantaria comentários e ciúmeiras sem fim. [...] Pense, faça favor, uns momentos no assunto, e se entender que devo prosseguir neste caminho terá de fazer o favor de por si ou por sua mulher arranjar aí coisa que se ofereça. Não vale a pena pensar em dinheiro, porque o dinheiro a mim não me serve de nada: tenho de mais para a minha modéstia e de menos para a minha posição» — escreve Salazar a Marcello Mathias em 28 de Janeiro «às 11 horas», como regista.⁴¹⁷

O embaixador desembrulhar-se-á da encomenda levando a própria Garnier a visitar com ele várias ourivesarias chiques da capital francesa, com o pretexto de lhe pedir ajuda para comprar um anel para a mulher — e entregando-lho, depois, em nome de Salazar. O anel custará quatrocentos e vinte dólares, que Salazar pagará da sua conta pessoal na Caixa Geral de Depósitos.

* * *

Entretanto, por um azar do destino, parte do trabalho de Salazar e Garnier naqueles quinze dias em Lisboa em que o presidente do Conselho não conseguira trabalhar nos afazeres do Estado irá perder-se.

No regresso a Paris, no *Sud Expresso* (Garnier não gostava de andar de avião), a mala da escritora é roubada — e, de mistura com as roupas, jóias, livros, etc., desaparecem também as provas tipográficas que tão desveladamente revira com Salazar. Algum material poderá ser refeito, mas outro perder-se-á.

Apesar deste percalço, o livro estará nas bancas em França em fins de Fevereiro de 1952 com o título *Vacances Avec Salazar*, publicado pela editora Grasset, constituindo o primeiro volume da colecção «Grandes Figures du Monde». E três meses depois, a 21 de Maio, será posto à venda em Portugal pela Parceria A. M. Pereira, esgotando rapidamente sete edições. O tradutor para português será — imagine-se — o

inspector da PIDE Barbieri Cardoso, que servira de *chauffeur* a Garnier no Vimieiro, e que introduzirá algumas alterações no texto original e incluirá mais fotografias. Mais tarde, por influência de Ricardo Espírito Santo, será feita uma edição em inglês para venda nos Estados Unidos.

Certamente levado pelo sentimento em relação à autora, Salazar considerará este livro o melhor que se escreveu sobre ele, enaltecendo a sua qualidade — por outros considerada muito discutível. Em sua opinião, era o único que falava dele com verdade. «É que ela viveu-o comigo», explicará Salazar ao seu também biógrafo francês Ploncard d'Assac.⁴¹⁸

Francesa condecorada às escondidas

Mas o episódio mais ridículo — e ao mesmo tempo menos dignificante — deste romance será a decisão tomada por Salazar de condecorar Christine Garnier pelo livro. E de a cerimónia ter sido feita em segredo, clandestinamente, na embaixada de Portugal em Paris! Mais: de o próprio colar ser «falso», isto é, não ser oficial, tendo sido mandado executar a um ourives por Ricardo Espírito Santo, o banqueiro amigo de Salazar.

O presidente do Conselho usa o embaixador Marcello Mathias como cúmplice nesta farsa, pedindo-lhe expressamente para não dizer nada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O desvelo de Salazar vai tão longe, que pede para Mathias comprar também uma jóia que substitua a condecoração, quando não fizer sentido esta ser usada. E para não «parecer mal», ou disfarçar a arbitrária condecoração, Salazar manda distinguir também o editor, Bernard Grasset, ao qual Mathias apõe um colar desenterrado na cave da embaixada!

Eis a carta de Salazar onde dá instruções precisas ao embaixador sobre este assunto:

«Já consegui obter, e tenho até em meu poder, as insígnias para oferecer a Mme. Garnier. Tratou-me disso com toda a prontidão e amabilidade o Dr. Ricardo Espírito Santo. Ou pela mala diplomática ou por ele próprio, que pensa ir passar

as férias de Inverno para a próxima semana, enviar-lhe-ei o estojo respectivo. A qualidade habitual do mercado foi um pouco reforçada e melhorada — as insígnias foram feitas de encomenda de modo que não serão más. [...]

Concordei [com] a possibilidade de se conseguir uma pequena insígnia — jóia antiga — que servisse à senhora quando não pudesse usar o colar. [...] Não nos convém porém dizer para as Necessidades nada a este respeito.»⁴¹⁹

Imagine-se: Salazar decide pessoalmente condecorar a escritora, pede a um amigo para encomendar as insígnias (que são falsificadas, para todos os efeitos) e instrui o embaixador para efectuar a cerimónia de entrega das insígnias em segredo, sem informar o Palácio das Necessidades! E para o tranquilizar diz-lhe que o respectivo diploma está assinado por ele e pelo Presidente da República (que assina tudo o que Salazar lhe leva) pelo que está «*tudo em ordem*». O que pode o amor! Nunca Salazar pensara pôr em causa assim a dignidade do Estado.

* * *

A publicação de *Vacances Avec Salazar*, ao contrário do que se pensaria, não porá fim à relação de Salazar com Garnier.

Depois do regresso definitivo a França, ela começará a enviar-lhe cartas com frequência e Salazar retribuir-lhas-á, escrevendo-lhe todos os domingos. E quando não o faz, a francesa protesta.

O marido é que não achará graça nenhuma ao romance. Descobre as cartas que Salazar escreve à mulher e conclui sem margem para dúvidas que são amantes: «Salazar foi amante da minha mulher. [...] Vi, em França, as cartas que lhe escrevia. É claro, divorciei-me logo!» — dirá tempo depois.⁴²⁰

Apesar de todas as evidências, tenho no entanto dúvidas de que a relação de Salazar com a francesa tenha deixado de ser uma relação essencialmente platónica. Pode ter havido momentos de arrebatamento físico, até de envolvimento, mas não creio que tenham sido amantes de uma forma continuada,